Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Bacharelado em Artes Visuais

Entre linhas de tempo: costurando fragmentos de memórias através de três gerações

Rayane Sousa de Amorim

Brasília, 22 de dezembro de 2023

Entre linhas de tempo: costurando fragmentos de memórias através de três gerações

Trabalho de conclusão de curso da graduação em Artes Visuais, realizado durante o segundo semestre de 2023, orientado pelo Prof.Dr.César Flores Becker.

Sumário

Resumo 4
Introdução 6
Memórias, fragmentos 10
Lembranças 15
Oralidade 24
Costura, Experimentação 29
Feminismo 46
Conclusão 58
Agradecimentos 63
Apêndice 66
Referências 79

Resumo

A seguinte pesquisa apresenta a construção de memórias através da confecção de uma colcha de retalhos como norteadora para seu desenvolvimento buscando estabelecer os conceitos de oralidade, ascendência, memória e fragmentos. Os conceitos são apresentados como base da poética desenvolvida ao longo dos semestres da graduação, resultando no trabalho final que conta a minha história através da busca pela minha memória, contando com o suporte das lembranças de minha mãe e de minha avó. A pesquisa também conta com referências que serviram de base para a produção artística.

Palavras-chave

Memória, oralidade, fragmentos, costura, bordado, ascendência



Introdução

O que pode ser criado quando tudo parece já ter sido feito?

Quando penso na expressão artística que quero seguir, me vem à mente um painel gigantesco, cheio de referências. O acesso à internet possibilita visitar a história da arte em segundos, embora essa visita não tenha nenhuma profundidade. Criar algo novo se torna uma busca eterna por referências até que o cérebro produza uma faísca de iluminação a qual deve ser anotada imediatamente antes de ser perdida para sempre. A atenção foge do controle, se torna frágil diante de um mundo tão cheio de informação visual.

Ao mesmo tempo que tudo parece já ter sido criado, o que nos torna quem somos nunca é encontrado no meio de tudo que já existe. Cada pessoa carrega uma carga de conhecimentos e memórias que as tornam únicas. Será que é possível criar um painel

que reúna as nossas referências? A partir desse questionamento surge uma intenção de registrar o meu trabalho final em várias etapas.

O que nos faz sermos quem somos, então, é nossa capacidade de compreender assuntos e técnicas e como vamos passar isso adiante. Se aprendo costura, vou reproduzir a costura de acordo com minhas referências e expressões. A maneira como vou passar a agulha no tecido com a linha se torna a minha linguagem própria. A história da arte é repleta de cadernos de artistas que testavam seus materiais e organizavam suas técnicas a partir da experimentação dos materiais que trabalhavam.

Se aprendemos várias técnicas e exploramos uma nova linguagem, é importante que saibamos organizar nossas ideias e tenhamos um lugar para catalogar o que aprendemos com o material trabalhado, visto que é impossível guardar tudo na memória, sendo necessário criar um catálogo onde registramos as nossas experimentações.

O meu trabalho parte da tentativa de registrar memórias através da costura. Não só as minhas memórias, mas as de minhas ascendentes vivas. Essa escolha me levou a registrar os pontos que experimentei em meu trabalho final, a “colcha de retalhos.” À medida que ela foi construída, fui fotografando as emendas de tecidos com o intuito de catalogar os pontos que usei. Dando espaço para a experimentação, acolho o que aprendi e coloco em harmonia com o que vou experimentando, unindo, assim como os tecidos, minhas versões do passado com a do presente.



Memórias, fragmentos

As memórias vêm como fragmentos. Fazem ligações repentinas com os fatos atuais e voltam a algum lugar, vagando pelo tecido temporal sem nenhuma forma definida. Às vezes se perdem e como elas se fixam na cabeça é um assunto completamente enigmático, afinal, por que você se lembra do que se lembra?

Na tentativa de mostrar quem eu sou para o mundo, me peguei muitas vezes buscando entender o que veio antes de mim. Minha família não tem tradição, não tem nome, não tem história. Não conheço boa parte dela, fiquei a maior parte da vida sem saber de onde vim e qual povo me originou, ou seja, um projeto de colonização bem sucedido.

É comum, ao visitar casas de pessoas, que elas saibam da sua história. Geralmente há memórias na parede, contada por fotos, ou registros guardados em caixas, cartas de outras épocas. Literalmente há pedaços da história preservados que mostram o que

veio antes. Quando esse cenário já existe, não há o trabalho de procurar incessantemente, às vezes sem um caminho bem definido, por vestígios de sua história.

O que resta, quando não se sabe as origens, é procurar novas referências e decidir se vai aderi-las ao seu imenso vocabulário imagético, é construir tradições e criar significados, é inventar rituais de passagem e é também aderir aos rituais sociais que já existem. Dessa forma, viramos vários pedaços de pequenos recortes daquilo que existe no mundo e que resolvemos aderir ao nosso cotidiano. Juntamos as referências que queremos ter.

Nem sempre fazemos isso de forma consciente, afinal, somos uma sociedade majoritariamente cristã e o cristianismo já traz diversos rituais e significados em sua essência - e esses foram construídos a partir de outros referenciais mais antigos, de religiões pagãs. Questionar tais pontos é quase como um insulto e funciona muito bem como forma de unir uma comunidade ao redor de uma crença comum.

Essa união que não questiona, não pergunta, não se opõe, liga uma grande massa ao seu centro. Eu fui parte dessa comunidade por muito tempo, mas mesmo sendo criança, algumas coisas não faziam sentido para mim. Talvez tenha sido aí que me dei conta de que precisava buscar meu próprio referencial e então fui atrás de conhecer outras religiões, mas também me permiti conhecer culturas e tentar entender meu passado.

Nessa “sopa” de referências da minha cabeça, encontrei refúgio nas memórias que formei ao longo dos poucos anos de vida que acumulo. Ao pensar na infância, digo que foi feliz porque consigo me lembrar de momentos bons, mas a psicologia fala que nosso cérebro nos protege de possíveis catástrofes ao não se lembrar de determinadas dificuldades passadas. Seria então uma infância boa ou memórias boas de uma infância comum? E se foi comum, qual problema em sê-lo?

Algumas memórias se fixam mais que outras.

Aqui entram minhas memórias. O resgate delas vai acontecendo aos poucos e de forma oportuna, quase como um exercício de se propor a desenhar todos os dias. Vão tomando forma e corpo e são descritas de forma saudosa, mas também representadas no objeto “colcha de retalhos” - trabalho produzido para a conclusão de curso que contou com o pedaço de vários tecidos que guardei durante a vida, costurados com uma variedade de nós aprendido. Memórias de minha avó, minha mãe e eu, bem como coleta dessas memórias e experimentação de formas de unir o tecido.

Tendo as memórias resgatadas, os pedaços de tecido passam a ter uma referência e a fazerem sentido de forma individual. Cada nó que une os tecidos remete a determinado tempo guardado na memória em que eu aprendi a tecer, passar a agulha com linha entre tecidos e unir partes para dar margem à imaginação e à criatividade.

Lembranças

Lembro claramente de uma tarde ensolarada depois de um temporal, onde as férias escolares já me abraçavam e o sono da tarde já tinha me dissipado. Talvez fosse Sábado, Domingo ou Segunda, porque quando se está de férias, isso não importa.

O que importa aqui é a memória viva do primeiro fragmento que ousei pintar na minha colcha de retalhos. Minha mãe havia me chamado para soltar pipa. E junto com a memória de eu, pequena, correndo com a linha deslizando entre os dedos no campo de futebol cheio de meninos, me vem outro pedaço de memória: confeccionar rabiolas na casa de minha avó. Momento de reunião com os primos, onde se aprendiam nós específicos para fixar as sacolinhas na rabiola, a fim de que suportassem ventos fortes nas alturas.

Esses nós constam em minha colcha de retalhos exatamente como na minha memória - fazendo uma rabiola que conduz à imagem da pequena eu

soltando pipa. É um caminho de dois tempos diferentes que estão unidos com o mesmo significado.

A linha usada era a banca número 2, encerada, a mais grossa e resistente que havia nos armarinhos. Linha de pipa. Vinha em carretel bege, parecia ser a linha mais grossa do mundo, a mais resistente e a mais adequada para a prática… Quando fui resgatar de meu baú da memória a linha de pipa, ela parecia diferente. A memória nos prega peças e, portanto, ela parecia bem mais fina do que eu me lembrava. Isso motivou minha decisão de mudar para barbante na construção da colcha de retalhos.

Quando tomei essa decisão, pensei que poderia ter a liberdade de conduzir minhas lembranças pelo caminho de preservação onde elas formassem uma alegoria aos fragmentos das minhas memórias e, portanto, poderiam ser modificadas com meus sentimentos e versões sobre o que me lembro.

A colcha de retalhos é uma tentativa de reunir minhas memórias, amarrá-las com nó em torno de um exercício constante de lembrar de onde elas vêm e o que elas me causam. É também um trabalho minucioso de resgate de conhecimento acerca dos nós que aprendi até hoje. É um trabalho introspectivo que fala da minha trajetória como artista, mas também das minhas descobertas para com o mundo e das minhas percepções muitas vezes idealizadas sobre mim mesmo. É a minha busca pelo meu passado apagado pela história, como de todas as pessoas pobres desse país que não puderam conhecer seus ascendentes e não possuem nenhum registro de onde vieram. É a tentativa de restaurar o que sabemos da história que apagaram da minha vida e da vida das mulheres da minha família. É um passeio pela memória frágil da minha avó, pela memória afetiva da minha mãe e pela minha memória em exercício de construção.

Desde que meus avôs morreram, minha avó tem ficado mais dispersa. Tentar me reunir com ela a

ponto que me conte das memórias da infância, talvez tenha sido a tarefa mais difícil que eu executei até o momento. Tudo precisa ser no tempo dela, no passo dela, de forma que ela se sinta confortável. Fazer um exercício simples de evocar o passado e o significado da costura em sua vida, precisa de uma quantidade de tempo absurda. Esse trabalho também vive por ela.

Perceber que o tempo passou e que a morte se aproxima é um pedaço doloroso da vida. Minha avó tem essa voz ecoando em sua cabeça de forma intermitente. Quando nos reunimos, esses pensamentos param. Esse é motivo suficiente para eu atravessar a cidade diante do cansaço, do engarrafamento no horário de pico, das frustrações do dia e compartilhar do meu tempo para coletar os pedaços que nos unem.

Quando criança, morei pelo período de um ano com minha avó. Desde sempre, me lembro dela costurando, fazendo reparos em roupas. Era parte da complementação de renda baixíssima de mais

uma beneficiária de programas do governo. Dos pedaços que sobravam, eu ia colecionando retalhos. Eles serviam de várias brincadeiras de criança e vestiam variados tipos de bonecas, fossem elas imaginárias, fossem elas feitas com pregador, palito ou grampo.

Da observação surgiam as dúvidas e eu sempre me envolvia no ato de costurar. Mas também tinha a costura recreativa que entretinha os momentos de relaxamento do dia. Daí derivaram os conhecimentos de variados nós e técnicas de como dançar com linha e agulha a ponto de fazer um emaranhado de pontos ordenados em um tecido.

Nesses momentos compartilhados, eram também presentes as histórias de vida da minha avó. Mulher nordestina do interior, cheia de contos e lendas para mostrar. Ao enrolar os fios na agulha eram desenroladas as lendas presentes na infância e no imaginário popular. Tais histórias foram pano de fundo para diversas ilustrações futuras.

Ao contar as histórias, minha avó evocava a memória - e aqui quero dizer que elas vinham de forma totalmente desordenada - de uma perspectiva nova a cada vez que contava. Os personagens - o homem que sovinava água, a mulher que fez aborto no rio, o tio que era rico e negava o básico para a família - desempenhavam seu papel com alguns acréscimos e depois decréscimos de ações. Ao colher esses relatos para o trabalho final de curso, notei que pouco ou quase nada mudou, como uma história decorada. Os elementos principais permaneciam, mas as histórias eram bem mais curtas.

A memória aqui se vê como um artifício falho e gasto da existência humana, que um dia há de se perder. Para tentar capturar e adiar esse momento para até quando a sociedade existir, tento adicionar à pesquisa artística a perspectiva de três memórias: da minha mãe, da minha avó e minha. Elas se entrelaçam ao contar a mesma história e se desenrolam de formas diferentes, de forma que aqui

são as minhas perspectivas a respeito da memória a partir das histórias contadas por duas gerações que perpassam por mim na forma da colcha de retalhos.

Uma memória muito viva de minha avó é de quando ela deixou a casa dos pais rumo a uma história completamente nova na capital do país. Era contado que enquanto sua mãe chorava, seu pai só fazia caretas, sem sair uma gota de lágrima. Toda vez que ouvia isso, pensava em um choro falso, na minha cabeça de criança. Mas ela insistia em afirmar que homens não choram e por isso ele não tinha lágrimas. Outras vezes ela dizia que ele era tão ruim que as lágrimas secaram.

Lembrar dessas histórias enquanto costuro é parte natural do processo. Remete aos tempos de narrativas contadas e me traz para as construídas. Os tecidos representam momentos diferentes do meu estado de espírito. A escolha se dá de forma natural, ao fechar os olhos e pensar em que nuances de cor daquela história específica me traz.

Os pontos vêm depois. Como unir dois tecidos de tempos tão doces? Os pontos ornam como uma moldura bonita os fragmentos da infância, onde tudo é doce e um pouco mágico. Pontos esses que aprendi na infância e que deram base para diversas criações futuras, inclusive a presente obra.

Para ornamentar a fase adolescente, foi acrescentado tinta acrílica no tecido, sendo que os pontos aqui se tornam variados. Eles seguem uma urgência de unir os tecidos com o que se tem por perto, passando pela experimentação e usando diversos materiais e técnicas.

Os tecidos escolhidos fazem parte do mosaico que eu fui criando ao longo da vida. Como o contato com a costura era constante, acabei por juntar uma diversidade de tecidos nas mais diversas ocasiões. Tudo aquilo que restava e que não cabia nas costuras de minha mãe ou de minha avó servia para eu guardar e deixar o futuro a definir o que fazer com aquele pedaço de tecido.



Oralidade

É comum que as histórias contadas pelas pessoas apenas de forma oral, sejam perdidas com o tempo. Ser a primeira da família a entrar em uma Universidade Federal me fez perceber que eu tenho o poder, como artista, de tecer os rumos deste trabalho em direção a algo que eu possa materializar. Pela minha percepção, a escrita perdura e passa o tempo presente. Ela tem o dom de atravessar gerações e tirar uma foto de época com a percepção de quem está escrevendo. Essa percepção é reproduzida na forma de arte na colcha de retalhos, já que ela é a forma material e visual da escrita que venho exercendo neste trabalho.

Nesse sentido, tentando me achar na graduação, decidi que era o momento de juntar os pedaços do passado a fim de tecer algo que revele o que eu passei e quem eu sou no presente, afinal, não há nada mais pessoal que mostrar nosso universo particular. Assim como as histórias que eu ouvia quando era criança, a colcha de retalhos vem cheia

de significado. Nem sempre os significados são claros para quem vê, mas cada pedaço conta um fragmento diferente que se conecta com as referências de quem eu sou, funcionam sozinhos e funcionam em conjunto. Os tecidos unidos são como uma quimera, um ser mitológico - porque tem mitos e lendas de referência da minha história - composto por partes de animais diversos - alguns fragmentos são muito claros e já passam uma mensagem, se analisados de forma individual, mas que compõem um significado imponente em sua totalidade. Essas partes unidas compõem uma identidade visual muito própria, carregada de significados e referências antigas, justamente como a quimera das lendas gregas.

Em minha adolescência, enquanto pessoa de imaginação fértil, eu criava Quimeras com animais e plantas. Eu produzia, em meus desenhos, universos imaginários com materiais coletados nos caminhos para a escola e no meu jardim. Posteriormente os universos criados se tornaram escritos e deram

origem a um *blog* onde tudo era fantasia. Eu escrevia crônicas para mesclar a realidade do que acontecia no dia a dia com histórias imaginárias, para que ninguém se reconhecesse acidentalmente dentro do enredo, caso lesse.

As referências da adolescência se juntam ao redor da esfera da internet, que abre um universo de possibilidades de conhecimento para pessoas curiosas. Tudo pode ser visto, tudo pode ser visitado sem sair do lugar. Universos pessoais se encontram, lendas do passado se unem em fantasias criadas a partir do imaginário individual, histórias são recriadas. Como adolescente escritora, criei um nome onde tudo era fantasia e onde eu reunia a minha colcha de retalhos textual, misturando memórias e metáforas. Essa minha identidade virtual era ‘allquimera’(all - do inglês, ‘tudo’ e quimera - no sentido de fantasia feita com pedaços de realidade) e ali eu expressava meus encantos e descontentamentos com o mundo que descobria e ia juntando. Era a construção da Quimera escrita.

Entrando no âmbito de referências gregas, podemos fazer aqui um paralelo da colcha de retalhos com as Moiras, que tecem o destino da vida das pessoas nas lendas gregas. Tudo que conheço da minha família tem limitação da minha memória, da memória de minha mãe e da memória de minha avó, formando as três figuras das Moiras, em idades diferentes e com experiências e visão de mundo diferentes. Todas nós somos ligadas pela costura e constantemente as intempéries da vida são apresentadas em uma roda de conversa que envolve nós três. Assim, vamos tecendo os nossos destinos com base em nossas experiências. Nossos destinos estão costurados metaforicamente e foi construído - e possível - através da costura na vida real, que muitas vezes era a única forma de sustento para a Moira mais velha, minha avó.

Costura, Experimentação

Quando penso em qual momento da minha vida peguei uma linha e fui capaz de produzir alguma coisa, não consigo localizar a data exata. Talvez lá para os meus seis anos eu já tivesse interesse em transformar uma linha contínua em um tecido com uma agulha. É possível que a primeira arte que eu tenha sido ensinada seja a da paciência, ao ser orientada para construir uma malha com o crochê. Tive a tutoria da minha mãe e da minha avó para entender o processo de dar nós em uma linha a fim de transformá-la em algo que pudesse ser vestido. Em muitos momentos, a linha e a agulha eram os únicos recursos disponíveis para construir presentes e elementos para brincadeiras. Assim foram feitos cachecóis, chaveiros, bonecas e uma infinidade de objetos com a costura.

O próprio ato de unir pedaços de tecido em uma colcha de retalhos que conta a minha história me ensina novamente a ter a paciência que me foi roubada com os anos da vida adulta. Sendo um

trabalho demorado e que demanda atenção, é necessário ter calma e pensar bem em como prender os tecidos.



“Colcha de retalhos”, Galeria Espaço Piloto

Amorim, R., 2023

Sendo mentora de minhas decisões até que eu tomasse consciência, minha mãe também me ensinou a costurar. Seus ensinamentos, porém, passavam para artes mais meditativas, como ponto em cruz ou vagonite. Sentar ao seu lado para partilhar o momento da costura era completamente mágico.

Minha mãe já não costurava para conseguir sustento. Os esforços de minha avó fizeram com que ela fosse a primeira da família a se formar em uma universidade, a primeira com diploma. Seu legado chegou até as filhas - eu e minha irmã - e conseguimos entrar na Universidade Federal de Brasília.

Minha mãe foi a única das descendentes da minha avó que teve a paciência de aprender a costura com ela. É a única que possui máquina de costura e é a única que já fez uma colcha de crochê para forrar a cama.

Os momentos de costura com minha mãe eram diferentes dos momentos com minha avó. Minha mãe pensava em temáticas, eventos sazonais e decoração. Ornar a casa com tecidos temáticos fazia ela criar as próprias referências dentro de uma realidade em que ela não trabalhava e estava saindo da adolescência, já com uma filha para educar. Dessa forma, sinto que criávamos eventos especiais através daquele momento.

O evento mais importante era o natal, onde tudo era criado para decorar. A casa mudava de ares, as cortinas mudavam o tom, a toalha de mesa era trocada, a árvore de Natal era montada. Paninhos de crochê eram tecidos, caminhos de mesa eram feitos para a data. Tudo servia para encaixar com a celebração cristã.

Além dos eventos sazonais, outros elementos também existiam na decoração rotineira. Era o caso das famosas ‘roupas’ de objetos. O filtro de barro, o bujão de gás, o liquidificador, a batedeira, o tanquinho de roupas, a máquina de lavar… Todos

eles possuíam vestes para proteger da poeira e da ação do sol. Faziam, assim, uma composição colorida na cozinha, deixando o ambiente com uma nova cara sempre que possível.

Havia um caderno onde minha mãe anotava os ‘motivos’ - Gráfico de pontos e cores para produzir uma peça. Esse caderno era como entrar em um universo muito próprio de cores e desenhos feitos em caderno quadriculado. Era o universo particular das criadoras de pontos. Além de ser literalmente desenhado, ele também continha recortes de revistas que minha mãe tinha assinatura, que ensinavam como fazer ponto cruz. Perdi a conta de quantas vezes tentei, em vão, aprender a partir dos tutoriais das revistas. A referência desse caderno se encontra nas páginas desse trabalho, no registro de pontos criados e aqui catalogados.

Ser criança abre espaço para criar sem se preocupar com o certo, com as regras, com o padrão, como diz Louise Bourgeois, em sua entrevista sobre sua obra “Célula (É melhor você

crescer)": "O artista, assim como a criança é passivo. O artista continua sendo uma criança que não é mais inocente, e no entanto não consegue se libertar do inconsciente. A representação desse terror é envolvente e prazerosa.". (BOURGEOIS, L., 2000, p. 233). Aprender a tecer pontos com a agulha de crochê quando criança, me permitiu espaço para entender a irregularidade dos pontos em uma idade em que não há rigor e nem cobranças em excessos para atingir a perfeição. Dessa forma, meus pontos no crochê eram completamente desregulados. Eram apertados e por vezes folgados, baixos e às vezes altos, tinham texturas variadas e a única regra que os regia era a de terminar logo o trabalho para começar a brincar.

Ao ingressar na Universidade e começar minha trajetória no curso, dando lugar à vida adulta e às preocupações rotineiras, a leveza de não se preocupar com o resultado final ficou na infância. Nas aulas iniciais da graduação, por muitas vezes era ansiada e buscada, visto que a vida adulta nos

pede rigores e acabamos por deixar de lado a permissividade. Embora fosse uma busca constante, a de libertação do rigor para dar espaço à experimentação, essa leveza de criação só ocorreu aos poucos e durante a trajetória traçada na universidade.

Nesse processo de me graduar, conheci várias referências artísticas. Os professores ajudaram muito nessa laboração, agregando sugestões de artistas de que trabalham com variadas técnicas e suportes, permitindo que eu agregasse ao meu trabalho, citações e inspirações do trabalho de várias artistas, tendo essas uma notável participação na construção das minhas referências em diversos campos, como escultura e pintura, algumas das quais uso como referência para esse trabalho final. Os próprios colegas sendo alguns desses artistas.

Sinto que ser artista parte um pouco desse processo de se permitir. Às vezes o trabalho parece nos causar estranheza e falta de aderência com o que

queremos expressar, mas o processo o faz mudar completamente o sentido, a partir do momento em que buscamos entender que a construção tem espaço importante no desenvolvimento da obra.

Nesse ponto, vou de encontro às referências que me influenciaram profundamente na criação do trabalho final. Anna Maria Maiolino, em sua busca por pertencer a um local após fugir da escassez da guerra, conversa diretamente comigo na minha busca por entender quem eu sou e de onde vim. A história da artista também converge com a história de minha avó, que saiu da escassez do Nordeste para buscar novas oportunidades na cidade nova, Brasília.

A artista encontra na argila, em sua obra “terra modelada” (1993), o que encontro nos tecidos: a capacidade de adicionar e fazer uma obra completa, mas que sempre permite adições, de forma que fica inacabada, em um eterno ‘trabalho em progresso’. Tal qual a artista, adicionei pedaços de tecido, mas sempre posso fazer adições ao todo. Ao dar ênfase

à variedade de junções dos tecidos, procuro dar destaque ao gesto que a mão produz. Da mesma forma que Maiolino esculpe a argila dando destaque ao gestual, ao trabalho produzido.



Terra Modelada, Anna Maria Maiolino, 1993

Na obra “Por um fio” (1976), Maiolino explora a ancestralidade e a transmissão geracional. Daí surge a ideia de fazer um diálogo direto com a artista, através de vídeos individuais da minha mãe, meu e de minha avó que se conectam por um fio. A

costura funciona como um meio de ligar a minha avó, minha mãe e eu. Fala sobre ancestralidade e une memórias de três gerações através da minha visão.



Por um fio, Anna Maria Maiolino, 1976

Perceber que a costura se desenvolve de forma única para cada uma de nós, mesmo tendo sido ensinada por uma mesma pessoa, explora a individualidade de cada uma. As formas de pegar na agulha e as decisões de unir tecidos, sejam elas na

máquina ou manualmente, são diferentes para cada uma de nós três. Tendo isso em vista, tomei a decisão de filmar o processo de costura de cada uma e usar como material para um trabalho de vídeo arte. Seu significado é expandido a partir de um diálogo direto com a artista e pelas próprias palavras da mesma:

> Por um fio é uma obra em que é evidente a afeição com a vida [...] fala de sentimentos permanentes no tempo. Todo mundo tem uma mãe, uma avó, uma filha. Todo mundo sabe como a vida se reproduz. Então, se aquele trabalho não tivesse o fio, seria simplesmente um retrato de família. O fio torna única aquela fotografia e a torna arte. [...] Quando faço Por um Fio também aponto para minhas necessidades filosóficas, sobre a questão do infinito, que a partir de mim, que apareço no centro, vem do passado, minha mãe, e vai

> para o futuro com a imagem de Veronica, minha filha (MAIOLINO, 2015, p. 20-22).[1]

No meu trabalho “retrato de família”[2] – trabalho composto por três vídeos que passam simultaneamente, cada um com 1’30” de duração, contanto as memórias envolvendo costuras da minha mãe, da minha avó e minhas -, eu apareço ao centro, mas como o produto que foi modificado pelas minhas origens, pelos ensinamentos que vieram de minhas ancestrais vivas e fluem em mim, artista em formação.

---

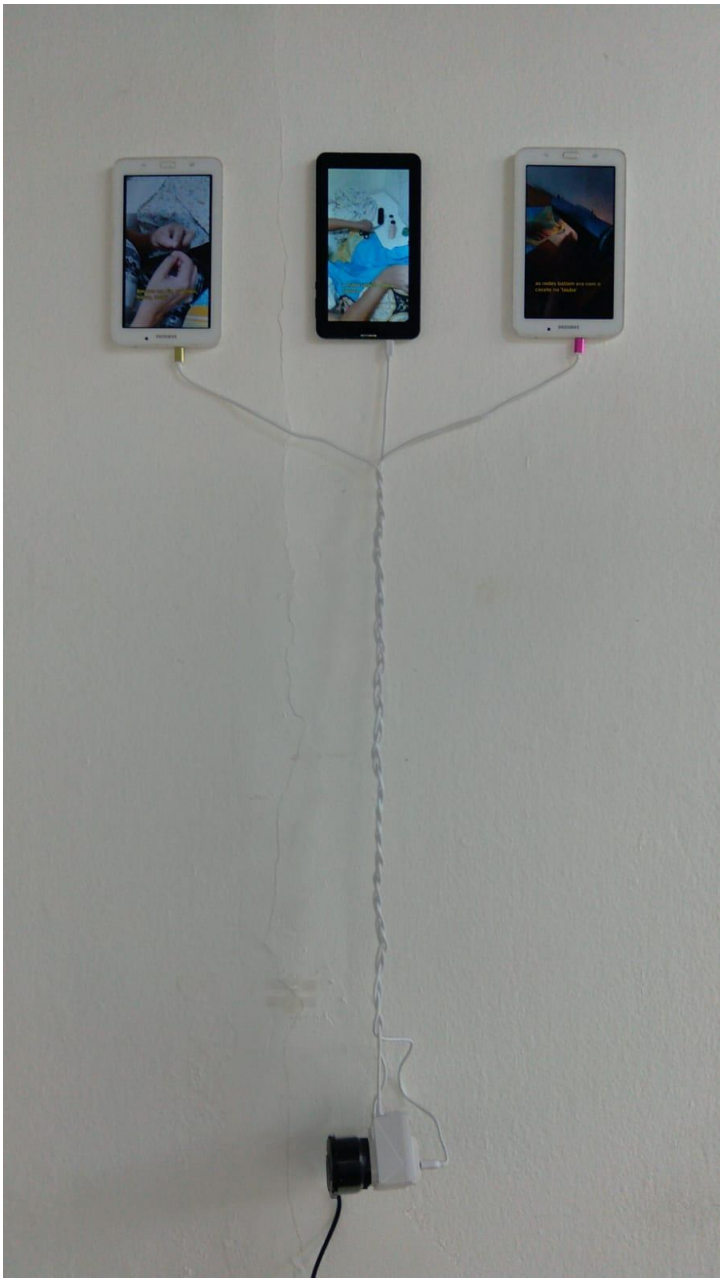
[1] https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32884/23225

[2] Os frames dos vídeos se encontram no apêndice do trabalho, com todo o texto de legenda



Frames do trabalho “Retrato de família”

Amorim, R., 2023



“Retrato de família”, Galeria Espaço Piloto

Amorim, R., 2023

É possível traçar um diálogo com Letícia Parente, em sua obra “Marca Registrada” (1975), onde ela costura o pé com as palavras ‘made in brazil’. A artista tem obras com forte caráter político e questiona o papel da mulher na sociedade, usando o corpo como suporte e executando a obra em si mesma, fazendo-nos pensar na posição da mulher que fica em casa, separada do mundo e que costura para exercer alguma atividade e se manter distante politicamente e também na mulher que possui como sua única fonte possível de renda, a costura e reparos em roupas.



Marca Registrada, Letícia Parente, 1975

Minha avó tinha uma máquina elétrica. Ela costurava as roupas para as filhas nela. Mas a máquina causava interferência na televisão e atrapalhava o marido a assistir televisão. A solução que ele encontrou foi retirar o motor da máquina e colocar um pedal, tornando, assim, a costura mais trabalhosa para ela…

Mas pelo menos agora ele, o marido, podia assistir sossegado à sua televisão.



Feminismo

Minha avó não pode ser definida como uma mulher que se opõe ao que lhe é imposto. É uma pessoa que tem horror a absolutamente todo tipo de conflito, inclusive os conflitos que envolvem seu bem estar. Jamais aceitou que brigassem por ela, e também nunca brigou por seus ideais. Sua posição sempre foi de abaixar a cabeça e aceitar as verdades sem nenhum tipo de questionamento. Aceitou as traições do marido, sem nenhum tipo de oposição ou questionamento. Aceitou que ele tivesse outra família e sofreu calada por anos, por não se impor de nenhuma forma. Foi ensinada que seu papel era sustentar o casamento.

Minha mãe, crescendo nesse ambiente, se opôs como pode e como sua geração permitia. Questionava, lutava e travava batalhas contra o que o pai fazia. Certa vez escreveu um cartaz e colocou pregado no fogão de casa, com a frase ‘não somos suas empregadas!’. O pai, chegando bêbado em casa, tarde da noite, decidiu que sairia sem

pretensão de voltar. Durante anos, foi acusada de ter expulsado o pai de casa.

Quando mais jovem, minha mãe ficava em casa encarregada de cuidar da criança, e se entretinha ao fazer artesanatos, sendo bordado o seu preferido. Mantinha o lar em ordem, fazia a comida e as obrigações domésticas porque estava inserida no contexto social em que o homem sustentava a casa e, portanto, ela fazia tudo que não era remunerado, mas que era árduo. Esse posicionamento é presente nas obras de Letícia Parente, que questiona o corpo feminino no espaço da casa:

> Para a artista, a esfera da casa atua como ambiente de libertação e opressão, de existência e de reexistência, de reencontros consigo mesma e com os outros. Essa dialética do devires e dos afetos, que é intrínseca a seus trabalhos nos ajudam a problematizar o espaço doméstico como aquele que é produto de uma adequação social que contribui para a conservação das relações de opressão, subalternidade e gênero, mas também pode ser o espaço de

> criação e de conexão trazendo à tona questões de visibilidade, pertencimento e identidade.(COSTA, 2018)[3]

A artista tem grande influência na minha produção por seu caráter questionador e por me fazer pensar nesse lugar de questionamento quanto às questões de gênero, que são tão latentes na sociedade, mas principalmente nos papéis dos meus pais e sua relação com a casa.

Minha mãe sustenta a casa hoje. Em algum momento, a situação se inverteu. Mas como de costume, o patriarcado não enxerga a inversão de tarefas como algo factível. Revisitando minhas memórias do passado, não consigo definir boas lembranças relacionadas ao meu progenitor. Sendo assim, esse trabalho conta com pouco ou quase nada dele. É um trabalho de ancestralidade e resgate de memórias matriarcais.

---

3 https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/198/173

Diante disso, os fragmentos de memória se associam à minha mãe e à minha avó. Mulheres que resistiam como podiam ao que a sociedade impunha. A costura, então, tem um papel de resistência silenciosa no meu trabalho. É a hereditariedade de um ensinamento que carrega opressões dos homens que passaram por nossas vidas e que ainda sangram a convivência diária. É buscar a história a partir da construção do tecido, opondo, assim, a destruição gerada pelos homens.

Em seu trabalho, Letícia Parente evoca o feminismo da década de 1970 e questiona o papel da mulher, como evidenciado no trecho:

> Quanto a isso, é importante ressaltar que esse interesse comum pela mulher, que Sarmiento e Parente manifestam em suas obras, está de acordo, por um lado, com os princípios da arte conceitual que, desde a década de sessenta, declarava-se político, antissistêmico, feminista e pacifista (LIPPARD) e, por outro, com a conjunção que se produziu entre feminismo e

> cinema, no início dos anos setenta nos EUA e na Europa (MULVEY).(ROJAS, 2011)[4]

Estar em uma Universidade Federal me faz pensar em questões políticas que são negadas a quem é pobre, pois desde pequena, a máxima ouvida na escola era “Política, religião e futebol não se discutem”. No entanto, os meninos discutiam sobre futebol. Na igreja, discutíamos sobre religião. A quem interessa que sejamos isentos de entender sobre política?

A esfera da universidade traz para o foco central o debate político. Várias questões são apresentadas a nós quando partilhamos do cotidiano político da Universidade. Poder participar do debate sobre a situação política do país é um grande motivador na área de artes visuais, por seu caráter crítico à sociedade e ao desenvolvimento do mundo.

[4] https://www.researchgate.net/profile/Victor-Murari/publication/370289081_A_comedia_de_Dali_Consideracoes_sobre_recursos_visuais/links/6449a42c809a5350212ca3cd/A-comedia-de-Dali-Consideracoes-sobre-recursos-visuais.pdf#page=154

Somente após participar desse debate de forma mais intensa, pude entender que todos nossos posicionamentos são regidos pela política.

A partir do debate, e somente a partir dele, é possível entender que toda arte é política. Estudar artes visuais é entender o recorte do mundo em que estamos inseridos e também é fazer a interpretação imagética do mundo. É entender que, por ser mulher, há um certo padrão em que devo me encaixar, mas também é entender que eu devo romper com o que me é imposto.

Contar a minha história a partir da minha linha ascendente, escrever um trabalho final em primeira pessoa, costurar e falar sobre costura é dar novos significados ao que aprendi na academia. É importante dizer que, a princípio, eu queria fazer uma graduação em Química. Minhas vivências no curso, o entendimento de quem eu sou e as imposições vividas nessa graduação, me fizeram entender que eu não queria o caminho das ciências exatas.

Entender o debate do ser político fez-me entender como feminista, aos poucos. As leituras de artistas que evidenciaram esse fato, reverberaram a medida que fui construindo o meu trabalho, como Louise Bourgeois, em uma mesa redonda, evidenciou:

> A frustração da artista mulher e a ausência de seu papel mais imediato como artista na sociedade são resultado dessa necessidade, bem como sua falta de poder (mesmo quando ela obtém sucesso) é consequência dessa vocação necessária. Nós não escolhemos nossos papéis - nós obedecemos ao chamado e aceitamos seus termos - , o que obviamente não significa que não nos ressentimos deles. Isso não está totalmente claro; nós nos tornamos escultoras, digamos, por causa da nossa incapacidade de crescer (o que é uma graça disfarçada), porém é fato que permanecemos mendigas por toda vida.(BOURGEOIS, 2000, p. 100)

Nessa posição, entendo que até pouco tempo atrás, as mulheres só entravam na galeria se estivessem nuas, pintadas em quadros feitos por homens.

Ocupar o espaço da galeria com uma colcha de retalhos, contando a história das mulheres da família e mostrando a minha visão, é um ato de resistência. Falo de resistência, pois minhas ascendentes não puderam apreciar o privilégio conquistado pela luta feminista que eu consigo desfrutar.

Na época da minha avó, as mulheres ficavam em casa, fechadas do mundo, casadas, cercadas de paredes vazias. As mulheres ricas ficavam. Minha avó veio para a nova capital em busca de melhores condições de vida. É fácil ter melhores condições quando se vive em extrema pobreza. Nascida no Piauí, Luís Correia, com 20 irmãos, minha avó passou a infância trabalhando na roça com o pai. Era chamada de ‘maria macho’.

Boa parte de seus relatos da infância contam como a vida era sofrida, com a fome sempre presente e a escassez como regra. Em vários dias, não havia comida para todos os filhos e ela ajudava na roça e também fazendo reparo em roupas para conseguir alguns trocados. A cidade era longe, tudo era bem

afastado, viviam quase isolados de tudo. A água nem sempre estava por perto e constantemente minha avó se tece elogios quanto aos baldes que conseguia equilibrar, sem que caíssem e sem derramar uma gota d'água.

Do Sertão do Piauí, saiu Maria Do Carmo, em busca de oportunidades na nova Capital. Uma vida melhor, condições melhores, ao menos um pouco de conforto. É possível que tenha encontrado um pouco de cada coisa que almeja aqui. Em geral ela oculta os pedaços de história da vida adulta e lembra com alegria sobre a infância.

Minha avó trabalhou por muito tempo como faxineira do hospital. Só estudou até a segunda série, porque não teve oportunidade de continuar com os estudos. Era comum dizer que os estudos de nada valiam e não a levariam para lugar algum em sua casa, ainda na infância. Como na história de muitas mulheres, ela teve de desistir de ter um emprego e de terminar os estudos na nova capital para ser mãe e cuidar dos afazeres do lar.

Com 3 filhas e 8 netos, ainda hoje minha avó vive na mesma casa desde que se estabeleceu em Brasília. É uma casa lotada de memórias em todos os cantos, já que sua estrutura remete às memórias de seus companheiros, do crescimento das filhas, do nascimento dos netos, de toda uma história que foi forjada anos após ano de experiência acumulada em sua vida. Existe um apego sentimental ao local que é fortalecido por todos esses fragmentos de memória que rondam a existência da casa, o que torna quase impossível a ideia de sair da casa atual para morar em um local que atenda melhor suas necessidades.

À medida que minhas tias e mãe foram crescendo, foram saindo da casa de minha avó, um processo natural da existência humana. Hoje minha avó conta com a solidão e as memórias que fez em vida. Embora seja nova, com apenas 72 anos, acha constantemente que já viveu o suficiente e já pode deixar o mundo. Obviamente esse pensamento veio com a depressão e a perda de várias pessoas

queridas. Fazê-la lembrar dos momentos bons e envolvê-la no meu trabalho de conclusão de curso é uma tentativa de barrar a solidão e o abandono.

O trabalho de tentar entender o meu passado evocando memórias ao redor de costuras tem sido um dos motivadores para dar continuidade ao trabalho, que começou com o objetivo de lembrar os pontos de costura e o processo o transformou em uma colcha de memórias afetivas.



Conclusão

À medida que a colcha de retalhos foi tecida, outros trabalhos derivaram de sua origem. Esse foi um trabalho de resgate de memórias e, assim como elas, desencadeou em outras partes que tiveram como objetivo contemplar o processo de produção.

A busca pelo passado afim de compreender o presente é um trabalho contínuo e de esforço constante. Enquanto o trabalho foi produzido, pude compreender alguns aspectos das formações de minhas referências que não sabia de onde haviam surgido. A forma como coloco a linha na agulha, a posição das mãos, a maneira de dispor a linha. Todas essas características observadas nas filmagens de costura de minha mãe e de minha avó reverberam em mim, fruto do aprendizado direto delas.

Todo o desenvolvimento foi uma descoberta processual. A princípio, o objetivo era transformar em caos uma simples união de tecidos.

Posteriormente, percebi que o caos era regido por uma certa ordem, dada pela formatação dos quadrados de tecido. Entendi que a ordem e o caos, presentes no conceito de *entropia* – conceito que se refere ao grau de desorganização e número de variáveis possíveis em um determinado sistema –, aprendido na química, estão relacionados de forma íntima.

No decorrer do trabalho, percebi a necessidade de registrar os pontos de costura que fazia, como uma tentativa de preservar a memória do que foi feito. Entender que as memórias me guiavam, me permitiu buscar mais a fundo minhas origens. Não há uma ordem em que as memórias aparecem e perceber suas inconstâncias me levou a entender que os conceitos de caos e memórias são indissociáveis.

Gravar a forma que minha avó, minha mãe e eu costuramos, me transportou para lugares que eu jamais imaginei. Observar suas formas de costurar me mostrou muitos pontos semelhantes na forma que eu costuro. Tal observação escancarou

semelhanças antes não notadas na forma de unir tecidos. Visto que dei a liberdade de escolha, minha avó optou por usar sua máquina de costura antiga, minha mãe optou por uma costura ‘invisível’ – onde os tecidos são unidos pelo lado do avesso e os pontos não são vistos no lado ‘direito’ e eu executei todo o resto, aprendendo a costurar pela primeira vez na máquina de costura e experimentando formas de unir tecidos com materiais diversos.

Entender sobre processos me levou a buscar minhas raízes e encontrar o fio que une três gerações vivas de minha família. Para além do resgate das memórias, resgatei a minha vontade de registrar as histórias que minha avó contava. Um desejo antigo virou o tema principal do meu trabalho final de graduação.

De forma geral, o presente trabalho foi uma realização em etapas que indica a finalização de um ciclo. Assim como ciclos, a colcha de retalhos é um objeto crescente, que deriva de outros objetos e que não tem um fim. Ela serve a um propósito e vai

agregando significados ao longo de sua construção, bem como uma graduação, ou mesmo como a vida.



Agradecimentos

É impossível contemplar todos os envolvidos nesse trabalho e mais complexo ainda fazê-los entender os seus méritos na elaboração do mesmo. Aqui consta uma tentativa de registrar de forma escrita as importâncias.

Ao Prof.Dr.César Flores Becker, que permitiu que eu expressasse minha raiva e incentivou que eu enfiasse uma faca nas paredes da UnB. Minha admiração por ele começou quando ele permitiu que eu fosse eu mesma sem criticar. Uma gratidão extra por ele ter tamanha paciência e calma ao me orientar nesse trabalho de conclusão de curso.

À minha mãe, Rosi, que é minha alma gêmea, melhor amiga e a pessoa mais incrível desse mundo. Por todas as horas que ela dedicou a mim e que eu dediquei a ela, pois assim pudemos compartilhar os melhores conhecimentos.

À minha avó, Do Carmo, pois sem ela esse trabalho sequer existiria.

À Carol, minha irmã, por morar no quarto ao lado e ter se formado antes de mim, me lembrando que eu precisava terminar minha graduação. Ela é sete anos mais nova.

À Cacatua Nervosa, por toda a companhia, puxadas de orelhas, chamadas de atenção, brownies e histórias cativantes que me tiraram da exaustão mental.

Ao Joe, que ofereceu sua casa mais de uma vez para que eu pudesse conseguir o silêncio e a concentração necessários para desenvolver o trabalho.

À Maísa Farias, pelas diversas sugestões ao longo da leitura do trabalho e por suas contribuições acadêmicas brilhantes.

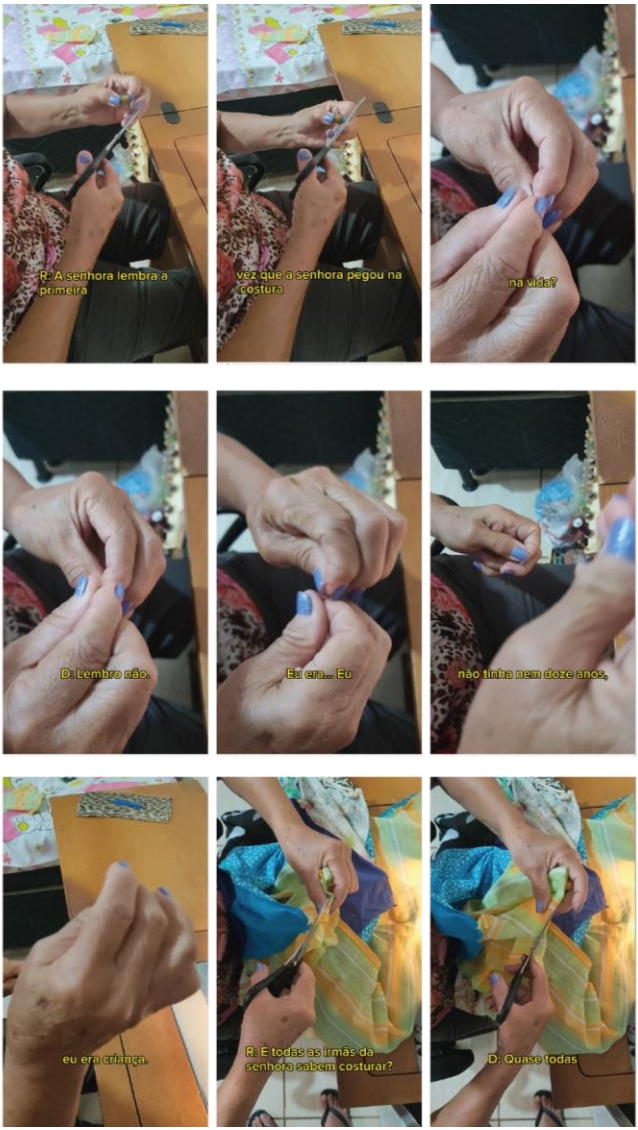
À Vivi, minha chefe, por ser a melhor parceira artística, por seus diversos questionamentos que me plantaram horas e mais horas de reflexão na cabeça e por todo seu apoio.

Ao Thomas, que me acompanhou em diversas madrugadas e tem sido meu principal apoio emocional.

Em especial, a todos aqueles que a memória não foi capaz de abraçar, mas que são partes importantes de mim. Amigos, colegas de curso e familiares que por ventura não tenham entrado como referência direta.

Apêndice

Apêndice A – Frames do vídeo correspondente ao trabalho “retrato de família”, com relato da avó nas legendas. Sentido de leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo.




R: Era a forma de sustento
de vocês...


vocês conseguiam dinheiro
fazendo reparo nas roupas?


D: Era. A minha mãe mesmo


costurava pra comprar o
alimento...


Pra gente comer quando
tinha roupa,


quando não tinha


alimento que eu


mais o meu pai 'trabalhava'
na roça


o meu pai me acordava
quatro hora da manhã pra ir
pra roça.


eu trabalhava a semana
toda com meu pai na roça


quando era no final de
semana


eu pegava 'as roupa'


ia 'pras lagoa' lavar roupa


botava trouxa na cabeça e
lavava


com umas tábuas... é...


cacete pra bater, as vezes


que a mão não dava conta.


R: como é que é isso?


D: É... esfregar


no lugar de esfregar com a mão

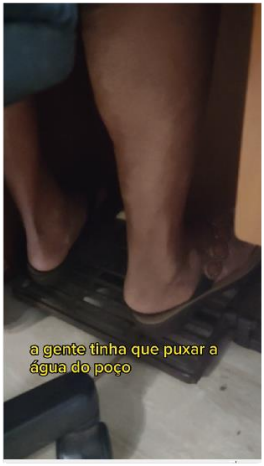

as redes batiam era com o cacete na 'táuba'


enxaguava na... Nas 'lagoa'


que era lagoa feita


pela chuva

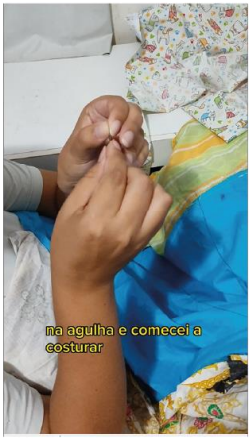

quando [as lagoas] secavam


a gente tinha que puxar a água do poço


e colocava na bacia e lavava em casa

Apêndice B – Frames do vídeo correspondente ao trabalho “retrato de família”, com meus relatos nas legendas. Sentido de leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo.




na agulha e comecei a
costurar


mas eu lembro que


a parte de fazer crochê


era mais presente quando
eu era criança.


Porque com crochê dava
pra fazer chapéu


dava pra fazer blusa né


pras minhas bonecas

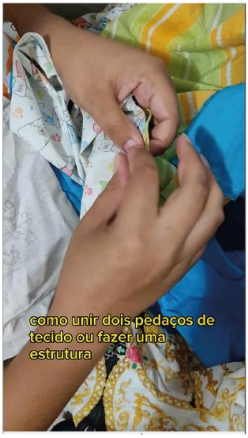

então acaba que eu tive
uma relação muito mais
próxima


em tecer

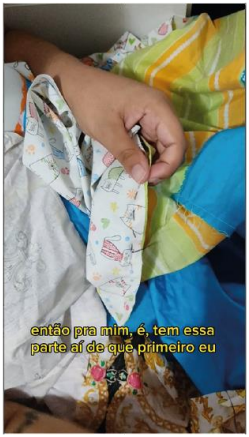

um tecido a partir da linha


do que costurar de fato


pensando em costurar

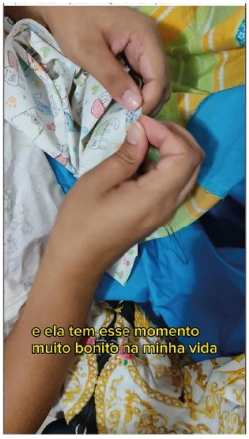

como unir dois pedaços de
tecido ou fazer uma
estrutura


maior com algum tecido
específico.

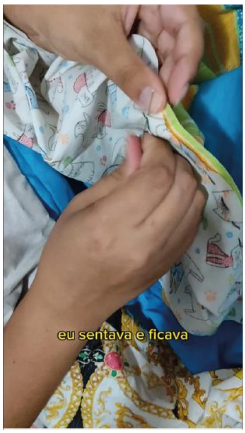

então pra mim, é, tem essa
parte aí de que primeiro eu

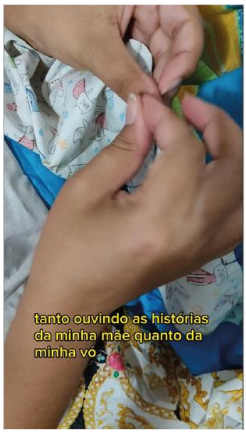

comecei a fazer o crochê

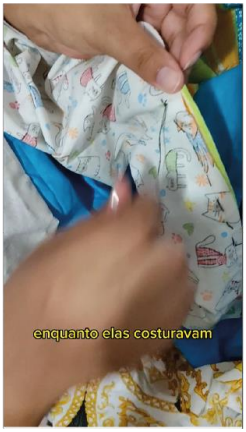

e depois eu evolui pra
costura

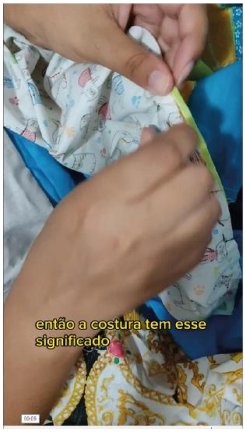

e ela tem esse momento
muito bonito na minha vida


que eu lembro de vários
momentos que


eu sentava e ficava


tanto ouvindo as histórias
da minha mãe quanto da
minha vó


enquanto elas costuravam


então a costura tem esse
significado

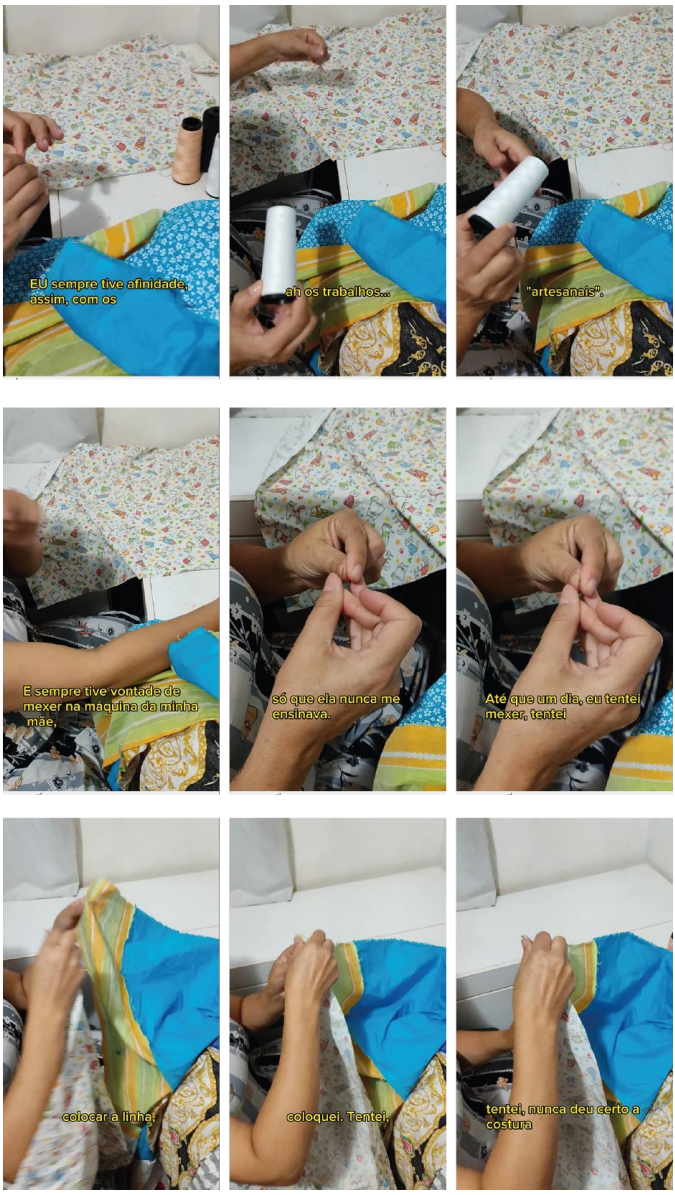

mais amplo de


muito afeto na minha vida


é um significado muito


mais profundo do que só
unir tecidos

Apêndice C – Frames do vídeo correspondente ao trabalho “retrato de família”, com relatos da mãe nas legendas. Sentido de leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo.




e aí quando ela percebeu
que eu tinha...


que eu tava interessada em
costurar,


aí ela me ensinou e foi uma
coisa que eu nunca mais
esqueci.


e aí ela...


Eu lembro do primeiro
tecido que eu fui costurar...


saiu tudo torto,


tudo bagunçado


mas eu fiquei muito feliz


e aí eu tinha colocado uma
agulha na minha boca


quando eu fui abraçá-la,


machucou a o rosto dela e
ela brigou comigo. [risos]


mas assim a costura foi


bem importante na minha
vida porque...

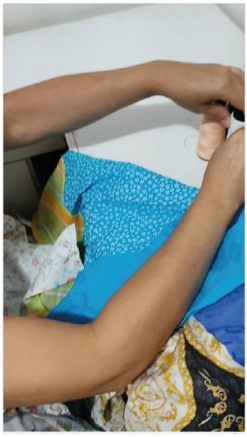

ah! Eu... Aí eu comprei logo
a máquina, né?


quando eu comecei a
trabalhar eu comprei a
máquina


de costura é nossa, fiz muita
coisa com ela!


só não faço muita coisa
[elaborada], mas remendos
e


o que eu consigo, assim, o
que tiver ao meu alcance...


dá pra eu costurar!




Referências

BOURGEOIS, Louise – Destruição do pai Reconstrução do pai, 2000, 384 p.

COSTA, Andréia - Plural Pluriel, Casa, casca e corpo: o texto como potência crítica em Letícia Parente, 2011
Disponível em https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/198/173 acesso em Dezembro de 2023

COSTA, Andréia - Mira Schendel, Anna Maria Maiolino e Liliana Porter: biografia, memória e deslocamento<https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32884/23225> acesso em Dezembro de 2023

ROJAS, Cláudia - Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016. 374 p. ; il.
Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Victor-Murari/publication/370289081_A_comedia_de_Dali_Consideracoes_sobre_recursos_visuais/links/6449a42c809a5350212ca3cd/A-comedia-de-Dali-Consideracoes-sobre-recursos-visuais.pdf#page=154> acesso em Dezembro de 2023